

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

ADRIENE NOGUEIRA DE SOUZA

A ACELERAÇÃO DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE JEAN-PAUL SARTRE E HARTMUT ROSA SOBRE O IMPACTO DAS DEMANDAS MODERNAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.

São Luís
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

ADRIENE NOGUEIRA DE SOUZA

**A ACELERAÇÃO DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE
JEAN-PAUL SARTRE E HARTMUT ROSA SOBRE O IMPACTO DAS DEMANDAS
MODERNAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.**

São Luís
2025

ADRIENE NOGUEIRA DE SOUZA

**A ACELERAÇÃO DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE
JEAN-PAUL SARTRE E HARTMUT ROSA SOBRE O IMPACTO DAS DEMANDAS
MODERNAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Benevides

São Luís
2025

Souza, Adriene Nogueira de

A aceleração do tempo na contemporaneidade: um diálogo entre Jean-Paul Sartre e Hartmut Rosa sobre o impacto das demandas modernas na constituição da subjetividade / Adriene Nogueira de Souza. – São Luis, MA, 2025.

51 f

Monografia (Graduação em Filosofia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Benevides Soares

1.Subjetividade. 2.Aceleração. 3.Existencialismo. 4.Sartre. 5.Modernidade. I.Título.

CDU: 141.32

ADRIENE NOGUEIRA DE SOUZA

**A ACELERAÇÃO DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE
JEAN-PAUL SARTRE E HARTMUT ROSA SOBRE O IMPACTO DAS DEMANDAS
MODERNAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
para obtenção de grau de licenciatura em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Benevides

Aprovado em: 09 / 12 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



DANIEL BENEVIDES SOARES

Data: 22/12/2025 10:01:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daniel Benevides Soares

Doutor em Filosofia

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente



KLISMAN LUCAS DE SOUSA CASTRO

Data: 22/12/2025 16:31:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Klisman Lucas de Sousa Castro

Mestre em Cultura e Sociedade

SEMED – Paço do Lumiar

Documento assinado digitalmente



IVO REIS SANTOS

Data: 23/12/2025 22:34:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ivo Reis Santos

Mestre em Filosofia

Universidade Federal do Ceará

Aos meus devaneios que, em meio à
loucura, mantiveram-me lúcida.

AGRADECIMENTOS

“Confiar ao Senhor as tuas obras, e os teus planos serão bem-sucedidos.” Pv 16:3

Agradeço primeiramente a Deus, pois a ele devo todas as coisas. Lembro-me com felicidade, quando pedi dentro da sala de aplicação de prova do Paes para que abençoasse nossa aprovação e assim aconteceu; fomos as quatro aprovadas, embora só duas tenham permanecido. Lembro-me de pedir por amigos, pois me sentia sozinha, e assim enviou vários e em vários momentos, alguns breves e outros que perduraram. Lembro-me de pedir por um orientador, pois já estava findando o curso e não fazia ideia do que fazer, e assim o fez. Esses são só alguns de tantos outros pedidos ao longo desses anos e embora muitas vezes eu não merecesse, Deus sempre me livrou e me abençoou.

Entrei com uns, cai com alguns, levantei com poucos que me foram muitos, errei, acertei. Senti-me como uma criança aprendendo a andar. Alguns ciclos se encerraram para que outros iniciassem. Demorei a entender, mas quando estamos enquadrados e confortáveis, dificilmente olhamos pela janela e enxergamos além. Por isso foi preciso momentos desconfortáveis e de solidão. E nesses momentos levantei a cabeça e pude enxergar as possibilidades. Deus o altíssimo já dizia “Melhor serem dois do que um, porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro.” Ecl. 4:9-10

Dito isso, agradeço, não citando nomes, ou exaltando grandes feitos, pois todas às vezes que pensei em escrever, também pensei em não citar nome algum.

Gratidão a meus pais, quem me amou primeiro; agradeço o amor incondicional, o incentivo silencioso, a paciência e todos os sacrifícios feitos para que eu chegasse até aqui. Gratidão a quem entrou comigo, quem sentou comigo, quem pegou na minha mão e alguém me olhou nos olhos. Gratidão aqueles que me enxergaram e não me adulteraram. Gratidão a meu orientador, por toda paciência e atenção nessa trajetória. Gratidão aqueles que acreditaram na minha capacidade mesmo quando eu mesmo não acreditei. Gratidão a quem me acolheu, a quem andou comigo, quem sorriu comigo e especialmente quem enxugou minhas lágrimas.

Gratidão aos sorrisos, os aprendizados, os erros, e a todas às vezes que desisti. Pois só quando desisti, pude então recomeçar e no recomeço eu vi florir. Apesar de não ter citado ninguém diretamente, tenho convicção que aqueles que lerem se reconhecerão.

*“Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que
fazemos com o que fizeram de nós.”*

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, visa analisar a constituição da subjetividade na contemporaneidade, abordando temáticas como a aceleração do tempo, alienação e o risco da inautenticidade. Sob as perspectivas de um filósofo, Jean-Paul Sartre e um sociólogo, Hartmut Rosa. A pesquisa busca realizar uma leitura da contemporaneidade acelerada sob a luz existencialista. Visando evidenciar os impactos da aceleração social na constituição da subjetividade e os riscos da inautenticidade na modernidade. O trabalho está estruturado em três capítulos, onde o primeiro capítulo é trabalhado a teoria da aceleração social de Hartmut Rosa e os impactos na constituição da subjetividade. O segundo capítulo, analisa a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, como também a ideia de que a existência precede a essência. No terceiro capítulo realiza-se uma aproximação teórica entre os dois autores, evidenciando pontos de diálogos entre suas reflexões. Dessa forma, esta pesquisa foi-se desenvolvida por meio de um estudo de natureza qualitativa, com base em obras e revisões bibliográficas que discutem o existencialismo e a teoria da aceleração. Observa-se que a aceleração social intensifica a sensação de falta de tempo, contribuindo para a fragmentação das relações, dos sentidos, intensificando a alienação. Conclui-se que a aceleração do tempo, ao fragmentar as relações e enfraquecer os sentidos de autenticidade, compromete a constituição da subjetividade na modernidade.

Palavras - Chave: Subjetividade; Aceleração; Existencialismo; Sartre; Modernidade

ABSTRACT

This final course paper aims to analyze the constitution of subjectivity in contemporary times, addressing themes such as the acceleration of time, alienation, and the risk of inauthenticity. It examines the perspectives of philosopher Jean-Paul Sartre and sociologist Hartmut Rosa. The research seeks to interpret accelerated contemporary life through an existentialist lens, highlighting the impacts of social acceleration on the constitution of subjectivity and the risks of inauthenticity in modernity. The work is structured in three chapters. The first chapter explores Hartmut Rosa's theory of social acceleration and its impacts on the constitution of subjectivity. The second chapter analyzes Jean-Paul Sartre's existentialist philosophy, as well as the idea that existence precedes essence. The third chapter presents a theoretical comparison between the two authors, highlighting points of dialogue between their reflections. Therefore, this research was developed through a qualitative study, based on works and bibliographic reviews that discuss existentialism and the theory of acceleration. It is observed that social acceleration intensifies the feeling of lack of time, contributing to the fragmentation of relationships and meanings, thus intensifying alienation. It is concluded that the acceleration of time, by fragmenting relationships and weakening the sense of authenticity, compromises the constitution of subjectivity in modernity.

Keywords: Subjectivity; Acceleration; Existentialism; Sartre; Modernity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura- 1 Representação do caminhar humano entre passado, presente e futuro. (Adriene Souza,2025).....	40
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A TEORIA DA ACELERAÇÃO SOCIAL DE HARTMUT ROSA	15
2.1	A teoria da Aceleração Social.....	17
2.2	A influência da Aceleração na Subjetividade	23
3	A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA	26
3.1	Liberdade como condição ontológica do ser humano	29
3.2	Constituição da subjetividade e o risco da inautenticidade.....	30
3.3	A má-fé como estratégia de fuga na contemporaneidade acelerada	34
4	SARTRE E ROSA: LIBERDADE E ACELERAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.	36
4.1	Um olhar existencialista, frente os impactos sociais oriundos da aceleração do tempo.	36
4.1.1	Alienação e má-fé	36
4.1.2	Aceleração social e temporalidade existencial	39
4.1.2	Aceleração social e temporalidade existencial	39
4.1.3	Ressonância e autenticidade	41
4.2	Um olhar contemporâneo sobre Sartre à luz da aceleração social de Rosa ...	42
4.2.1	liberdade situada sob aceleração.....	42
4.2.2	Angústia e perda de ressonância	43
4.2.3	má-fé como adaptação ao ritmo social	44
4.3	A constituição da subjetividade na contemporaneidade acelerada	45
5	CONCLUSÃO.....	48
	REFERÊNCIA	50

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é amplamente marcada por um ritmo de vida acelerado, impulsionado por avanços tecnológicos e demandas sociais e culturais cada vez mais intensas. Esse fenômeno é amplamente debatido por pensadores como Hartmut Rosa, sociólogo alemão conhecido principalmente por sua contribuição à teoria da *aceleração social*, conceito central em sua obra. Rosa busca compreender a relação entre modernidade e aceleração social, bem como os seus efeitos nas formas de vida coletiva e nas dinâmicas sociais. Seu principal objetivo é compreender o que é ter uma boa vida e como podemos obtê-la.

Em uma época de multitarefas e carregada de avanços tecnológicos criados para agilizar o processo e teoricamente, gerar mais tempo livre, ocorre uma contradição; com adesão às tecnologias, a vida tornou-se mais acelerada, intensificando a falta de tempo, como afirma Rosa: “quanto mais tempo economizamos (em razão das sofisticadas inovações tecnológicas que nos poupam tempo), menos temos, diz a instigante sabedoria popular em Momo, de Michael Ende” (Rosa, 2019, p.34).

Para o sociólogo, essa aceleração não é apenas tecnológica, mas também social. Rosa divide esse conceito em três campos: *tecnológico*: avanços das tecnologias e dos processos produtivos. *social*: a rápida transformação das estruturas sociais, normas e valores. e *ritmo de vida*: sensação de que o tempo está passando rapidamente e que as pessoas precisam fazer mais, em menos tempo. Vale ressaltar que nenhuma dessas dimensões tem prioridade sobre as outras, mas que elas se completam e de certa forma se retroalimentam, desencadeando uma lógica processual: “a aceleração da mudança social implica uma aceleração dos ritmos, que só pode se realizar graças à aceleração técnica, que por sua vez produz mudanças sociais, e assim por diante” (Guedes; Storch, 2018, p. 81).

Para além dessa tríade de aceleração, Hartmut Rosa sugere outras três categorias, ou como ele mesmo diz, “três motores externos” que dão impulso e nutrem o funcionamento das outras três até que se tornem um sistema autônomo. São eles, *o motor cultural, econômico e socioestrutural*. Conforme explicam Guedes e Storch (2018), o motor econômico (ou “tempo é dinheiro”) funciona mediante à lógica capitalista que

tende a expressar o tempo como bem escasso. O motor cultural (ou “promessa de eternidade”) funciona mediante a transição de uma concepção religiosa para concepção demasiadamente econômica. O motor socioestrutural (ou “a temporalização do tempo”), que funciona mediante a ordenação temporal de ações e decisões.

Tal aceleração transforma tanto a organização do tempo, como também como os indivíduos vivem e constroem sua subjetividade. Desse modo, a subjetividade construída no contexto histórico e cultural de cada época apresenta uma relação de dinâmica com o tempo em que é influenciada por ele enquanto ele atua na sua constituição. Heidegger, ao destacar o conceito de temporalidade como estrutura fundamental do ser, sugere que o tempo não é apenas um pano de fundo, mas a base ontológica para formação da subjetividade. Em contrapartida, temos Sartre com a ideia da liberdade radical que enfatiza que a subjetividade transcende o dado histórico, sendo capaz de reinterpretar e modificar o curso do tempo a partir de suas escolhas. Para Jean-Paul Sartre; “A liberdade é certa liberdade que eu sou. Mas, que sou eu senão certa negação interna do Em-si. Sem este Em-si que nego, eu desvaneceria em nada.” (Sartre, 2007, p.375). Esse pensamento evidencia que, embora o indivíduo seja confrontado por pressões externas, ainda lhe cabe decidir como lidar com as circunstâncias.

Jean-Paul Sartre, um dos grandes expoentes do existencialismo, corrente filosófica que trabalha temas como a liberdade e a responsabilidade, considera que o homem é totalmente responsável por construir sua própria subjetividade. Sartre tem como sua máxima a ideia de que a “existência precede a essência” e por ela entendemos que *a priori* o indivíduo vem a existir e somente depois, através da existência, vai construindo a sua essência. O que de certo modo intercala com o problema da contemporaneidade, o qual faz com que os indivíduos sejam chamados a se adaptarem rapidamente, em um processo contínuo de reorganização das suas prioridades. Assim, temos o tempo não só como algo externo, mas como uma categoria que influencia precisamente em como os indivíduos vivem sua liberdade e definem sua subjetividade.

Dessa forma surge então o problema: *de que maneira a aceleração do tempo impacta a liberdade individual e a constituição da subjetividade?* Tendo em vista a crescente aceleração das atividades diárias impulsionadas pelo avanço tecnológico e pela demanda constante de produtividade, levando assim à reflexão sobre como isso afeta a vida em sociedade e a percepção de si, procura-se responder a essa pergunta aliando as reflexões de Rosa e de Sartre.

Diante desse problema, esta pesquisa teve como objetivo investigar como a aceleração do tempo na contemporaneidade afeta a liberdade individual e a constituição da subjetividade. Para isso, dividimos este trabalho em três capítulos, o primeiro aborda a teoria da aceleração social de Hartmut Rosa, analisando sua contribuição para a compreensão da experiência do tempo e da constituição da subjetividade. O capítulo seguinte trata a respeito do pensamento de Jean-Paul Sartre, no qual analisamos a liberdade como condição ontológica do ser humano e a constituição da subjetividade, como também o risco de inautenticidade e a má-fé como estratégia de fuga na contemporaneidade. Para finalizar, o terceiro capítulo reflete sobre o pensamento de ambos os autores, fazendo uma leitura de Rosa à luz de Sartre e uma leitura de Sartre à luz de Rosa. Esse capítulo tem por objetivo levantar um olhar existencialista sobre a sociedade contemporânea e buscar possíveis saídas para esse estado de aceleração.

No mais, essa pesquisa tem como intuito demonstrar que a aceleração do tempo na contemporaneidade não se trata apenas de um fenômeno externo, mas também de uma condição que afeta os indivíduos, o mundo e a forma de perceber a si mesmo e se conectar com o espaço e com o outro, mas que pode ser superada. Compreender essa dinâmica contribui para uma reflexão sobre os desafios da vida moderna e os caminhos para a vida autêntica e livre.

2 A TEORIA DA ACELERAÇÃO SOCIAL DE HARTMUT ROSA

Este capítulo visa abordar a teoria da aceleração social do sociólogo Hartmut Rosa, analisando os seus impactos na experiência do tempo e na constituição da subjetividade contemporânea. Para isso, optou-se por dividir o capítulo em duas subseções – na primeira seção discutiremos a teoria da aceleração social, abordando os três tipos de aceleração social; aceleração tecnológica, aceleração da mudança social e aceleração do ritmo de vida, como também, a teoria dos três motores. Na segunda seção trataremos da influência da aceleração na subjetividade, ou seja, como a aceleração impacta na constituição da subjetividade contemporânea. Para fundamentar a análise proposta, recorreremos às obras do sociólogo Hartmut Rosa; *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* (2019), *alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. (2022).

O que é uma boa vida? E o que nos impede de levar essa vida? Por que a vida é sentida, tanto na Europa quanto na América latina, tanto na Ásia quanto na África, apesar de todo progresso técnico e de todo o bem-estar conquistado,

mesmo entre as relativamente afortunadas classes médias, como uma luta diária? Por que as pessoas se sentem como hamster numa roda girada sempre mais velozmente, na qual o mundo se lhes opõe como uma lista de afazeres sempre mais longa, a qual só podem manejar sob o modo da agressão [aggressionsmodus]? (Rosa, 2019, p. IX).

O sociólogo alemão Hartmut Rosa, na sua teoria da Aceleração Social, busca compreender os mecanismos que impulsionam essa dinâmica acelerada e suas consequências tanto no âmbito individual quanto coletivo. Rosa argumenta que a modernidade trouxe uma aceleração generalizada nas esferas da vida cotidiana, das tecnologias e das relações sociais, o que resulta em transformações significativas na experiência do tempo e na constituição do sujeito.

A aceleração social não é uma característica unidimensional e em seu trabalho, Rosa distingue três tipos de aceleração: a aceleração tecnológica, a aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo da vida. Cada uma delas possui implicações distintas, mas são inter-relacionadas, afetando a maneira como os indivíduos experimentam o tempo. A aceleração tecnológica, por exemplo, trouxe inovações que permitem uma comunicação instantânea, transações financeiras rápidas e o acesso a informações em tempo real. Tais avanços, embora positivos em muitos aspectos, também geram a sensação de que o tempo está constantemente fugindo, já que os indivíduos inseridos nesse contexto são exigidos a realizar cada vez mais tarefas em prazos mais curtos. Ou seja, sente-se “que o mundo como um todo, em sua materialidade, é posto sob pressão para dinamizar-se: pessoas, bens e matérias-primas são postos em movimento” (Rosa, 2017, p. 372).

No entanto, essa aparente maravilha da instantaneidade esconde um lado menos positivo, que pode ser entendido sob a ótica do capitalismo industrial. A busca incessante por eficiência e produtividade pressiona os indivíduos a trabalharem mais, em menos tempo, para atender às demandas do mercado. Esse processo leva a um paradoxo: embora as tecnologias acelerem as tarefas e a comunicação, o tempo pessoal é cada vez mais reduzido, gerando um estado constante de sobrecarga e desgaste. Além disso, as pessoas são impelidas a se moldar rapidamente aos padrões sociais e de consumo imposto¹ pela sociedade acelerada. Nesse contexto, a pergunta que surge é: como fica a individualidade e a construção de uma subjetividade autêntica?

Este capítulo visa apresentar os principais conceitos da teoria da Aceleração Social de Hartmut Rosa, destacando suas três dimensões e analisando seus efeitos na experiência

¹ Conferir obra *Vidas para o consumo transformações das pessoas em mercadorias* (Bauman, 2008).

do tempo e na formação da subjetividade. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para refletir sobre as implicações da aceleração no cotidiano e os desafios que ela impõe à construção de uma vida plena e significativa na contemporaneidade.

2.1 A teoria da Aceleração Social

A teoria da Aceleração Social de Hartmut Rosa (2016, 2019) se estrutura em torno da ideia de que, na modernidade, a sociedade experimentou um aumento significativo na velocidade dos processos tecnológicos, sociais e culturais, resultando em uma experiência do tempo mais acelerada. O autor argumenta que, para além da aceleração tecnológica, que podemos perceber nas inovações das últimas décadas, há uma aceleração social, ou seja, as estruturas sociais também estão se transformando em um ritmo mais rápido.

De acordo com Rosa, a aceleração social se dá em três dimensões interligadas. Guedes e Storch explicam que:

Para compreender e explicar o processo de aceleração social juntamente com sua lógica inerente, Rosa (2016, 2019) propõe apresentar três categorias de aceleração social, quais sejam, a aceleração técnica, a aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo de vida. Nenhuma delas possui primazia sobre as demais, ao contrário, ambas se retroalimentam. (Guedes e Storch, 2024, p.81)

A primeira delas é a aceleração tecnológica. Refere-se ao rápido desenvolvimento de tecnologias com intuito de resolver o problema da “escassez do tempo”. No entanto, tornam o tempo cada vez mais comprimido. A automação de processos, a comunicação instantânea, e a transação imediata de informações são exemplos claros dessa aceleração. A tecnologia, em vez de proporcionar um alívio, acaba sendo uma das maiores fontes de pressão, pois exige que os indivíduos se adaptem constantemente as novas ferramentas e ritmos (Rosa, 2019).

Portanto, gostaria de propor, aqui, a seguinte definição: uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento, de inovações e a aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura. Assim a tríade crescimento, aceleração e adensamento de inovações deixa-se compreender enquanto dimensão temporal (aceleração), material – factual (crescimento) e social (adensamento de inovações) de um único processo de dinamização, que, por sua vez, pode ser definido como aumento quantitativo por unidade de tempo (Rosa, 2019, XI).

Dessa forma, a aceleração tecnológica direcionada para otimização do tempo, teve um efeito reboque, pois não aconteceu de forma isolada, mas puxou consigo outras mudanças sociais, culturais e psicológicas. Temos como exemplo que a busca por maior eficiência nas tarefas, não apenas otimizou processos, mas também arrastou consigo um

aumento das expectativas de produtividade. De igual maneira, a promessa de economizar tempo com tecnologias muitas vezes teve efeito contrário, criando um ciclo de aceleração constante, onde o tempo “economizado” é imediatamente preenchido por novas demandas.

Um pré-requisito para tanto [para o surgimento de novas possibilidades de virtualização e digitalização de processos e produtos] era, e ainda é, que a modernização seja caracterizada não apenas pelas formas básicas da aceleração tecnológica mas também pela aceleração de processos de organização, decisão, coordenação – tal como no sistema das modernas burocracias e administrações –, que aqui integram a categoria da aceleração técnica (ou seja, da aceleração intencional de processos direcionados a um objetivo, por meio de técnicas inovativas) em um sentido amplo (Rosa apud Guedes; Storch, 2024, p.144).

Diante disso, não entra somente a dimensão material na aceleração tecnológica, mas também o “Saber Fazer”, pois, segundo Rosa (2019), o indivíduo sente necessidade constante de aprender novas ferramentas, adaptar-se a novas metodologias e responder rapidamente às demandas do mercado. Desse modo, o que antes era um diferencial, como o domínio de determinada técnica, hoje é uma obrigação para sobrevivência profissional. A substituição de trabalhadores por máquinas reduz a demanda por mão de obra humana, ocorrendo uma desvalorização da criatividade, sensibilidade, força e capacidade de adaptação do ser humano. Elementos únicos que as máquinas, apesar da sua eficiência, não conseguem reproduzir plenamente. Intensificando assim o desemprego estrutural e impondo a necessidade de requalificação profissional constante para se adaptar as novas exigências do mercado de trabalho.

A dureza de aço dessa dinâmica escalar faz-se notório na seguinte circunstância: não importa com quanto êxito, individual e coletivamente, vimemos, trabalhamos e nos orientamos economicamente neste ano: no próximo ano, para mantermos nosso lugar no mundo, devemos ser melhores, mais velozes, eficientes, inovadores – e, no ano seguinte, coloca-se um pouco mais acima (Rosa, 2019, p. XI).

A aceleração tecnológica está a redefinir a dinâmica do trabalho e das relações sociais, promovendo avanços significativos em setores, mas também gerando desafios, como a obsolescência profissional, a intensificação do ritmo produtivo e a crescente dependência das pessoas em relação às novas tecnologias. Autores como, Zygmunt Bauman², e Byung – Chul Han³ além de Hartmut Rosa, analisam os impactos que a

² Zygmunt Bauman (1925- 2017) foi um filósofo e sociólogo polonês que desenvolveu o conceito de modernidade líquida, analisando como as relações sociais, o trabalho e a identidade se tornaram instáveis e voláteis na contemporaneidade.

³ Byung -Chul Han, filósofo sul coreano radicado na Alemanha, analisa os impactos da aceleração e da hiper produtividade na psique humana.

aceleração tecnológica e as transformações sociais contemporâneas ocasionam, destacando como a velocidade das inovações afeta a subjetividade, o trabalho e as relações humanas.

Zygmunt Bauman, em sua obra, *Modernidade Líquida* (2001), desenvolve a ideia de que vivemos em uma era marcada pela fluidez, na qual tudo se torna volátil e temporário, incluindo as relações sociais e profissionais. Byung-Chul Han, em *A sociedade do cansaço* (2015), reflete sobre o excesso de positividade e o esgotamento psicológico causado pela sociedade da performance, onde o sujeito moderno, pressionado pela aceleração, vive em constante auto exploração.

Dessa forma, a aceleração tecnológica, embora traga avanços significativos, também impõe desafios estruturais e subjetivos, exigindo uma reflexão crítica sobre seus impactos na construção da subjetividade e nas dinâmicas sociais contemporâneas.

A segunda forma de aceleração discutida por Rosa é a aceleração da mudança social. Esta difere da aceleração tecnológica, que ocorre nos meios de produção com intuito de otimizar os processos de produtivos. A aceleração da mudança social ocorre diretamente nas instituições da sociedade, inclusive as mais fundamentais, como a família. Essa dinâmica está atrelada aos avanços tecnológicos e desencadeia “contração do presente⁴”, conceito também estudado por Rosa em sua obra *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022). Segundo o autor:

A mudança nesses dois domínios — a família e o trabalho — se acelerou, deixando de ocorrer no ritmo intergeracional das sociedades do início da Modernidade para começar a ocorrer no ritmo intergeracional das sociedades tardo-modernas. Assim, a estrutura familiar típica e ideal da sociedade agrária tendia a permanecer estável por séculos, com as transições geracionais mantendo intacta sua estrutura básica. A rápida transformação dos costumes, crenças, e valores sociais, não é uma ação deliberada, mas sim um efeito inevitável das inovações tecnológicas (Rosa, 2022, p. 25).

Diante disso, a sociedade se vê pressionada a acompanhar o ritmo das mudanças que afetam desde os modos de produção, até os transportes e principalmente a comunicação, refletindo precisamente na sociedade como um todo. Na modernidade clássica, por exemplo, as experiências eram de âmbito geracional, ou seja, existia uma identidade social mais estável, e sabia-se que a geração futura daria continuidade ao legado da anterior. Já na modernidade tardia, há ausência de estabilidade e identidade e

⁴ Formulada por Hermann Lübbe, a contração do presente refere-se ao presente interpretado como um período com duração estável, no qual há uma congruência entre experiências passadas e as expectativas futuras. A harmonia entre as partes é de grande importância para a validade de saberes postos em práticas no presente (Rosa, 2022).

abre espaço para fragmentação da identidade e a instabilidade. As experiências, na modernidade tardia, ocorrem de forma intergeracional, isto é, ocorre durante a transição geracional (Rosa, 2022).

Entre os séculos XVIII e início do século XX as mudanças sociais corriam de forma mais lenta e gradual. Era comum que uma mesma profissão, valores e modos de vida fossem transmitidos de geração em geração. Tomemos como exemplo: um filho de agricultor, no século XIX, seguiria geralmente a mesma profissão do pai, mantendo o estilo de vida da família. Já no século XXI, essa lógica se rompe (Rosa, 2022). Com os avanços tecnológicos e a velocidade da informação, os jovens vivem experiências completamente diferentes daquelas vivenciadas por seus pais, tanto no trabalho quanto nas relações afetivas e na forma de enxergar o mundo. Tal exemplo ilustra a aceleração da mudança social, transformações que demorariam séculos para acontecer ocorrem dentro de uma única geração.

Ainda sobre a aceleração da mudança social, Rosa (2019) enfatiza que existe um amplo sentimento de insegurança em relação ao futuro na modernidade tardia, o qual desemboca numa sensação de pressão temporal sobre um porvir desconhecido e num medo de ser tornar anacrônico. Necessário, então, é a ação/decisão/atualização constantes em relação às tendências do mundo para dirimir a percepção de estar sob “declives escorregadios” (Guedes; Storch, 2024, p.82).

Conquanto se reconheça a atividade constante de atualizações diante das transformações do mundo contemporâneo, os sujeitos seguem imersos em sentimentos de angústia frente à fluidez do tempo e a incerteza do que está por vir. Tal paradoxo evidencia a tensão entre a aceleração das exigências sociais e a busca por estabilidade subjetiva em um cenário cada vez mais volátil. Diante desse cenário, evidencia-se que a aceleração da mudança social tem grande impacto na construção da subjetividade, uma vez que é dentro das instituições sociais que se tem o primeiro contato com o outro e se dá o início da constituição da subjetividade. Se não há estabilidade, dificilmente ocorrerá que um indivíduo tenha uma identidade estável. O provável que aconteça é que se produzam indivíduos fragmentados em decorrência da volatilidade das transições intergeracionais.

Como pontua Bauman, em *Modernidade Líquida* (2001) as pessoas vivem tempos em que nada é feito para durar. As relações, os vínculos e até mesmo os projetos de vida tornam-se frágeis e descartáveis, o que contribui para a instabilidade do eu. Essa liquidez do mundo moderno dificulta a construção de uma subjetividade sólida, pois tudo ao redor flui com rapidez, impedindo o enraizamento identitário. Nesse contexto, a identidade deixa de ser algo fixo ou dado (geracional), tornando-se um processo contínuo de

adaptação e reconstrução (intergeracional). Ou seja, o sujeito, pressionado pelas constantes exigências de mudança, se vê obrigado a molda-se incessantemente para corresponder às expectativas de um tempo em constante mudança.

Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas as que precisam ser datadas (Bauman, 2001, p. 8).

A aceleração do ritmo de vida é a última categoria da aceleração social e está diretamente ligada ao ritmo de vida do indivíduo. Segundo Rosa (2016, p.27) “[...] o aumento do número de episódios de ação ou experiência por unidade de tempo; quer dizer, é a consequência do desejo ou necessidade sentida de fazer mais coisas em menos tempo”.

A partir das reflexões de Rosa, portanto, a aceleração do ritmo da vida pode ser dividida em dois âmbitos que desembocam em um só; pressão social para realizar mais em menos tempo. Tem-se o âmbito objetivo, a diminuição do tempo direcionados para tarefas pessoais, como alimentação e lazer, dando ênfase à realização de mais tarefas em menos tempo. Ou seja, dando um intervalo menor entre o término de uma atividade para o início de outra. Paralelamente, tem-se o âmbito subjetivo, no qual se manifesta a pressão social com a percepção e da sensação de se possuir menos tempo, e surge então a preocupação de realizar tarefas pendentes diante da escassez temporal, renunciando-se a atividades de lazer, por exemplo.

Diante disso, observe-se a aceleração tecnológica que surge como meio para suprir a falta de tempo salientando-se que as três categorias de aceleração social interligam-se e se retroalimentam, isto é, as acelerações têm efeito reboque, visto que tal fenômeno (aceleração tecnológica) que ocorre principalmente nas grandes cidades, faz com que seja justamente nesses espaços que se observe uma maior escassez de recursos temporais, posto que o ritmo de vida se torna mais volátil em decorrência da escassez de tempo. “A aceleração do ritmo de vida se dá como uma tentativa de fuga contra o malefício da escassez de recursos temporais. Então, em síntese, as pessoas aceleram para dar conta de todas as atividades que devem prestar” (Neto, 2021. p.6).

As três acelerações descritas por Rosa não devem ser vistas de forma isolada, pois elas estão conectadas, formando um ciclo que se retroalimenta, ou seja, a aceleração tecnológica impulsiona as mudanças sociais, uma vez que com os avanços tecnológicos e a implementação desses novos recursos surge a necessidade de mudanças no ambiente de trabalho e nas relações sociais. Essas mudanças constantes exigem que o indivíduo

reorganize a sua vida para dar conta de mais demandas, acelerando o ritmo de vida. E quanto mais se acelera o ritmo de vida, mais se intensifica a busca por tecnologias que ajudem a otimizar o tempo. Em resumo, a aceleração tecnológica impulsiona as mudanças sociais que acarretam uma aceleração do ritmo de vida que leva a busca por mais tecnologias.

Segundo o autor, em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022), além dessas três acelerações, existem também os três motores que sustentam esse movimento, são eles; o motor econômico, o cultural e o estrutural. O motor econômico está ligado a lógica do crescimento constante, visto que, no sistema capitalista, “parar” é sinônimo de fracasso. Por isso tudo deve ser mais rápido, mais eficiente e mais lucrativo. Isso faz com que empresas invistam em tecnologias que aceleram os processos de produção e pressionem os trabalhadores a acompanhar esse ritmo, ou seja, o tempo vira mercadoria.

Por outro lado, o motor cultural está ligado à ideia moderna de que precisamos aproveitar todas as oportunidades, viver intensamente, experimentar o máximo possível. Isso gera uma cobrança constante de que nunca é o suficiente. Por fim, o motor estrutural, que se refere as mudanças nas formas de organização social: tudo está mais flexível, instável e cada dia mais digital. De modo que as decisões têm que ser tomadas cada vez mais rápido. Para Rosa, esses três motores não andam separados, muito pelo contrário, se cruzam e fortalecem-se, mantendo sempre esse ciclo aceleratório.

Contudo, gostaria de sustentar que na Modernidade tardia a aceleração social se tornou um sistema autopropulsor que não precisa mais de nenhuma força de impulsão externa. As três categorias identificadas antes — aceleração tecnológica, aceleração da mudança social e aceleração do ritmo da vida — passaram a formar um sistema entrelaçado de retroalimentação que se impulsiona sem parar (Rosa, 2022, p. 43).

Contudo, a natureza mostra seus limites e seja possível perceber as “forças reativas que emergem e agem como ‘freios’ ou ‘desaceleradores’ em situação de aceleração intensa” (Guedes; Storch, 2024, p.84).

O primeiro desacelerador consiste nos limites da velocidade temporal, que diz respeito ao tempo que de forma orgânica, a natureza leva para decompor determinado material, e de forma inorgânica, que são os limites em que cada indivíduos tem de realizar e processar determinadas tarefas (Rosa, 2022). Extrapolar esses limites traz grandes consequências para o ser humano e para a natureza. No ser humano desenvolvendo ansiedade e Burnout, dentre outras doenças.

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho (Han, 2015, p.6)

O segundo desacelerador, são as formas sociais de resistência ao processo aceleratória, são grupos sociais que preferem viver seguindo seu próprio ritmo ignorando os processos aceleratória da sociedade moderna. Temos também, os desaceleradores que são “disfuncionais”, os congestionamentos e as grandes taxas de desemprego, oriundos da aceleração tecnológica.

As grandes empresas, após sentirem os impactos negativos da aceleração social nos trabalhadores, implementaram os:

processos desaceleratórios intencionais” que consistem das ocasiões em que a empresa oferece aos funcionários períodos de lazer, com intuito de que ao retornarem desse intervalo, eles estejam mais aptos ao trabalho e os executem com eficiência, tendo assim maior produtividade (Guedes; Storch, 2024).

2.2 A influência da Aceleração na Subjetividade

As três formas de aceleração social propostas por Hartmut Rosa, aceleração tecnológica, aceleração das mudanças sociais e aceleração do ritmo de vida, não se apresentam como fenômenos isolados. Elas se entrelaçam e se retroalimentam, produzindo uma dinâmica cíclica que redefine não apenas o tempo social, mas como o sujeito se percebe e se constitui.

Desse modo, a tecnologia, ao acelerar os meios de produção, obriga os indivíduos a se adaptarem constantemente a novos dispositivos e linguagens. Por outro lado, as mudanças sociais tornam as estruturas sociais instáveis, fazendo com que o sujeito se reinvente diante das constantes transformações dos valores e papéis sociais. A aceleração do ritmo de vida contribui para a sensação de que o tempo está cada vez mais escasso, gerando uma subjetividade marcada pela ansiedade, urgência e sensação de exaustão.

Nesse contexto, o autor aponta em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022) que o indivíduo vive sob uma pressão constante para manter-se atualizado, produtivo e funcional, o que contribui para um esvaziamento da experiência interior. A aceleração torna-se um modo de vida e não só apenas uma característica da vida moderna. Desse modo, a subjetividade é marcada pela lógica do desempenho e eficiência, ou seja, o “eu” deixa de ser algo constituído a partir de reflexões e da interioridade e passa ser reflexo do ritmo e das demandas sociais.

Essa transformação da subjetividade pode ser compreendida como uma mudança na forma como o indivíduo vivencia o tempo, o corpo e o mundo. O sujeito não apenas percebe que o tempo passa rápido; ele o sente no corpo, na mente e nas relações. Rosa, ao descrever a crise da ressonância⁵, aponta que o sujeito moderno encontra certas dificuldades de estabelecer relações significativas com o mundo, pois as relações tornam-se substituível. Essa análise da crise ressoa com a análise de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida: no qual nada é feito para durar, nem os vínculos, nem as identidades, nem os projetos pessoais.

Desse modo, a subjetividade torna-se um reflexo do ritmo externo. As experiências deixam de ser profundas e passam a ser consumidas rapidamente, como se houvesse uma urgência em sentir, aprender e realizar, sem um limite de tempo para digerir ou significar. Bauman (2001), ao abordar a modernidade líquida, descreve um mundo em que as estabilidades sólidas da tradição, da estabilidade e da permanência foram dissolvidas, dando lugar as relações efêmeras e voláteis. Desse modo, a liquidez vai atingindo o próprio sujeito, que se vê obrigado a se adaptar continuamente às mudanças sociais, sem tempo e espaço para enraizar-se em experiências e significações. Bauman (2001) chama essa condição de “ansiedade de estar ficando para trás”, um medo constante de obsolescência que alimenta a aceleração descrita por Rosa.

A ressonância é um tema central na obra de Rosa, que se refere à capacidade do sujeito de estabelecer relações autênticas, significativas e responsivas com o mundo ao seu redor. Contudo, quando tudo se acelera e nada permanece, o espaço para o silêncio interior e para o enraizamento nas experiências vai se perdendo. Desse modo, a subjetividade torna-se reativa e fragmentada, guiada por exigências externas e não mais por escolhas refletivas. Segundo o autor, em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022) essa aceleração é um dos grandes aliados da alienação na contemporaneidade, os sujeitos ao serem compelidos a se adaptar a esse ritmo acelerado distanciam-se de si e de seus próprios desejos e necessidades.

Hartmut Rosa, embora tenha se inspirado em Karl Marx, faz uso do conceito de alienação⁶ em um sentido diferente do marxismo. Em vez de focar na relação entre

⁵ Segundo Hartmut Rosa, ressonância é uma forma de relação com o mundo em que o sujeito se sente afetado, tocado e, ao mesmo tempo, capaz de responder de maneira significativa (Rosa, 2019)

⁶ Rosa retoma o conceito de alienação tradicionalmente associado à crítica marxista do trabalho no capitalismo e o expande para pensar as relações modernas em uma lógica de aceleração e esvaziamento de sentido. Enquanto Marx via a alienação, sobretudo como uma desconexão entre o trabalhador e o produto de seu trabalho, Rosa propõe que a alienação contemporânea se manifesta na impossibilidade de ressonância com o mundo (Rosa, 2022).

trabalhador e meios de produção (como Marx), Rosa (2019) fala da perda de ressonância no mundo, ou seja, ele amplia o significado de alienação, acrescentando que para além de ser a desumanização no trabalho capitalista, a alienação se dá na relação com o mundo todo.

Dessa forma, a análise da aceleração social proposta por Hartmut Rosa, em diálogo com a crítica de Zygmunt Bauman à modernidade líquida, revela um cenário contemporâneo no qual a subjetividade é constantemente tensionada por forças externas que exigem adaptação contínua, desempenho ininterrupto e resiliência emocional. Assim, o sujeito moderno se encontra imerso em um tempo que o ultrapassa, sem pausas, sem respiros. Um tempo que não oferece as condições para o cultivo da interioridade, da escuta, da presença. Nesse sentido, a experiência subjetiva tende a se tornar fragmentada. O que antes era vivido com intensidade, agora é consumido com pressa. A necessidade de acompanhar o fluxo das novidades, das redes, das exigências sociais, promove uma espécie de esvaziamento da experiência de si. O “eu” vai se tornando cada vez mais um reflexo do mundo e cada vez menos um centro de elaboração e sentido.

Este cenário nos leva a pensar: como reconstruir a subjetividade em meio à velocidade? Como resgatar a capacidade de significar a própria vida em um mundo que exige respostas rápidas e descartáveis? A resposta talvez esteja em uma recusa parcial da lógica dominante, um resgate da escuta, da pausa e da presença. Mas antes disso, é necessário compreender — com clareza — o modo como essa aceleração age sobre nós, nos molda e nos afasta da experiência autêntica.

Diante dos impactos provocados pela aceleração do tempo sobre a subjetividade, torna-se fundamental recorrer a perspectivas filosóficas que permitam compreender as implicações dessa dinâmica na constituição do ser. O segundo capítulo tratará do pensamento de Jean-Paul Sartre, especialmente no que diz respeito à liberdade, à construção da subjetividade e à noção de má-fé, buscando compreender como esses conceitos dialogam com a aceleração do tempo. Utilizaremos para isso, as obras *Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (2024), *O existencialismo é um humanismo* (2014), *Crítica da Razão Dialética* (2002), assim como artigos científicos. O capítulo será dividido em três subseções, a primeira tratará a respeito da liberdade como condição ontológica do ser humano, o segundo a respeito da construção da subjetividade e o risco da inautenticidade no terceiro, analisaremos a má-fé como estratégia de fuga na contemporaneidade acelerada.

3 A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

O presente capítulo tratará a respeito do pensamento de Jean-Paul Sartre, filósofo francês do século XX, um dos grandes propulsores da corrente existencialista. No primeiro momento abordaremos de forma introdutória os fundamentos principais do pensamento de Jean-Paul Sartre, para, em seguida, tratarmos os conceitos de liberdade, da constituição da subjetividade como também a noção de má-fé, buscando compreender como esses conceitos dialogam com a aceleração do tempo. Este capítulo será dividido em três subseções; a primeira subseção tratará a respeito da liberdade como condição ontológica do ser humano; a segunda subseção versará sobre a constituição da subjetividade e o risco da inautenticidade e na terceira subseção analisaremos a má-fé como estratégia de fuga na contemporaneidade acelerada. Utilizaremos para isso, as obras de Jean-Paul Sartre: *Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (2011), *O existencialismo é um humanismo* (2014), *Crítica da Razão Dialética* (2002) e *a Náusea* (2015).

Já no que se refere a Sartre, a crítica se exerce a partir de uma subjetividade situada que deverá esclarecer, por sua vez, as situações de representação nos diversos modos de pensar. Ora, a noção de situação implica a ideia de contingência como o vetor que orientará o trabalho crítico. Neste sentido, não se pode supor o filósofo como o observador externo que apreenderá, por via da atitude crítica metodicamente desenvolvida, os procedimentos da razão. Em outras palavras, não é possível estabelecer uma estrutura a priori em si mesma dotada de necessidade lógica que desempenhe a função de antecipar categorialmente a objetividade do conhecimento em sua efetivação. (Leopoldo, 2015, p.7-8)

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo, escritor, dramaturgo e ativista político francês, amplamente reconhecido como um dos principais representantes do existencialismo ateu. Influenciado por pensadores como Edmund Husserl e Martin Heidegger, Sartre desenvolveu sua filosofia baseada na liberdade humana, na responsabilidade individual e na construção do sentido da existência por meio das escolhas. Assim, em sua obra mais emblemática, *O ser e o nada* (2011) apresenta as bases do existencialismo ontológico, destacando a ideia de que a existência precede a essência, ou seja, o ser humano primeiro existe e por meio de seus atos e da experiência com o mundo e com o outro é que constrói sua subjetividade. Para o filósofo o ser humano não tem uma essência ao nascer, simplesmente é lançado no mundo sem uma natureza pré-definida, sem um criador, totalmente desamparado e responsável por suas escolhas. Tudo que lhe resta é a gratuidade da vida.

[...] que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar (Sartre, 2014, p.19).

Dessa forma, compreender o ser humano pela ótica existencialista implica reconhecer que ele está condenado à liberdade. Sendo assim, ao mesmo tempo que não possui uma essência pré-estabelecida, carrega consigo o peso de criar seu próprio caminho, assumindo integralmente as consequências de suas escolhas.

No pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, alguns conceitos merecem destaque por serem fundamentais à compreensão de sua filosofia. Além da liberdade e da responsabilidade, o pensamento do filósofo também se estrutura a partir de categorias ontológicas, como o Ser-em-si, Ser-para-si e Ser-para-outro, que ajudam na compreensão da condição humana. Mas começaremos pela questão da gratuidade da vida; em sua obra, *A náusea* (2015), o personagem principal Roquentin demonstra tamanha impotência diante da constatação da gratuidade da vida, quando ele compreende que a “existência é apenas uma forma vazia”; diz Roquentin:

Esse momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuía-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar aqui (Sartre, 2015, p.158).

Segundo Sartre a existência não tem um sentido dado ou um propósito pré-estabelecido por alguma instância superior, o ser humano simplesmente “é” e a vida acontece de forma gratuita. Ou seja, ao ser lançado no mundo totalmente desprendido de essência ou natureza pré-estabelecida, tudo que resta ao indivíduo é a gratuidade de sua existência, um direito imprescindível e irremediável. Ainda em *A náusea* Sartre por meio de Roquentin acrescenta: “Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio” (Sartre, 2015, p.158).

Dessa forma, a ausência de sentido inicial se torna um fardo ao mesmo tempo que uma oportunidade, ou seja; “... o homem está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo que faz” (Sartre, 2014, p.24).

No desenvolvimento de sua filosofia existencialista, Sartre distingue três formas fundamentais de Ser, que ajudam a entender a liberdade e subjetividade humana. O Ser-

em-si (*en-soi*), que possui identidade, que é imóvel e estático, sendo esse o “Ser” das coisas materiais “O Em-si não tem segredo: é maciço” (Sartre, 2011, p.39).

O Ser-para-si (*pour-soi*) que diferente do Em-si não possui identidade e está sempre em movimento. Heráclito de Éfeso já defendia a impermanência quando falou que um homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois o rio já não será o mesmo, assim como o homem.

O primeiro deles é o do projeto como conhecimento de si. Relaciona-se como a questão da identidade do para-si como a sua verdade. Sabemos que o para-si é o ser que tem o seu fora de si, que é o que não é e não é o que é. Essa constituição dialética do sujeito está expressa na noção de projeto: o para-si é o projeto ser exatamente porque o modo de ser no futuro coincide dialeticamente com o não-ser no presente. O projeto é aquilo que o para si está para-ser- e ele vive o seu ser na expectativa implicada no projeto de ser. (Leopoldo, 2003, p.44)

De mesmo modo, a consciência\ ser-para-si em Sartre é sempre consciência de algo, como uma janela aberta às possibilidades; por esse motivo, para o autor, o ser humano é um projeto inacabado, ele almeja por completude, mas não pode alcançá-la. Por outro lado, através do olhar do outro é possível chegar a algum lugar.

O Ser-para-outro (*pour-autrui*) é como a consciência se percebe sob o olhar do outro, de outra consciência, nesse momento, o outro exerce um papel de julgamento e objetificação, fazendo com que o Ser-para-si se veja como objeto aos olhos alheio. É a partir do olhar do outro que nos é imposto uma “identidade”; pela ótica do outro sempre há uma figura maciça, um Em-si, denominado como: amigo, irmão, professor..., etc. Dessa forma o Ser-para-outro tem a capacidade de transformar o Ser-para-si em Ser-em-si.

O Outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro (Sartre, 2011, p.290).

Dessa forma torna-se evidente a importância do Outro para construção da subjetividade no pensamento sartriano, uma vez que é a partir desse olhar que se formula um julgamento sobre si. Um exemplo que Sartre utiliza em sua obra *O ser e o nada* é o da vergonha, pois é através desse movimento que se formula sobre si um juízo.

A vergonha, em sua estrutura primeira, é vergonha de diante de alguém. Acabo de cometer um gesto desastrado ou vulgar: esse gesto gruda em mim, não o julgo nem o censuro, apenas o vivencio, realizo-o ao modo do Para-si. Mas de repente levanto a cabeça: alguém estava ali e me viu. Constato subitamente toda vulgaridade de meu gesto e sinto vergonha (Sartre, 2011, p.289).

3.1 Liberdade como condição ontológica do ser humano

Ao afirmar que “o homem está condenado a ser livre” (Sartre, 2014, p.24) o autor sustenta que a liberdade é uma condição inseparável do ser humano. Essa afirmação parte do pressuposto de que, diferente dos objetos, o ser humano não possui natureza pré-determinada. Em sua obra *O existencialismo é um humanismo*. Sartre exemplifica com a ideia do corta-papel:

Desse modo, o corta-papel é simultaneamente um objeto que se produz de determinada maneira e que, por outro lado, possui uma utilidade definida, e não se pode supor que um homem produza um corta-papel sem saber para que tal objeto serve. Então dizemos que, para o corta-papel, a essência – ou seja, o conjunto dos procedimentos e das qualidades que permitem produzi-la e defini-lo – precede a existência. (Sartre, 2014, p.18)

Ao trazer a analogia do corta-papel, evidencia-se a distinção entre os objetos e o ser humano. Na filosofia existencialista afirma-se que a existência precede a essência, assim o ser humano diferentemente dos objetos constrói sua essência ao longo de sua vivência no mundo, pois não possui uma finalidade pré-estabelecida. Desse modo, a ausência de essência torna a liberdade uma condição inevitável, ou seja, o indivíduo ao ser lançado no mundo totalmente desamparado, sem um criador e uma natureza pré-estabelecida, depara-se com sua existência e se encontra totalmente responsável por dar sentido a ela. Assim, a liberdade não é uma escolha, mas sim um dado fundamental da condição humana.

Anterior a Sartre, Martin Heidegger já havia contribuído de forma decisiva para a compreensão do ser humano enquanto um ente cuja existência precede qualquer definição essencial. Heidegger apresenta a ideia do *Dasein* (ser aí) para descrever o ente que questiona o próprio ser, lançado no mundo de forma singular. Em sua obra, *Ser e Tempo*, o *Dasein* é caracterizado por sua abertura a existência projetada pela liberdade de escolha. Essa concepção influenciou diretamente Sartre na formulação da tese de que a existência precede a essência, sendo a liberdade um traço fundamental da ontologia humana⁷. O homem, diferente dos objetos, não possui um criador antes mesmo de serem materializados, já se tem a ideia da sua finalidade, pois quem criou já o pensou anteriormente. O homem sem um criador não tem como ter uma essência, nem mesmo

⁷ Conferir a esse respeito Nunes, 2016, p. 63 – 72 e Colette, 2009, p. 32 – 41.

NUNES, Benedito. **Heidegger**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

finalidade. Dessa forma, tudo que lhes resta é a total liberdade para construir-se a partir da sua relação com o mundo e com o outro.

No entanto, ser livre implica assumir as consequências de suas escolhas e inevitavelmente assumir responsabilidade sobre si e sobre os outros. Uma vez que “[...] ao escolher a mim, estou escolhendo o homem” (Sartre, 2014, p.21). O indivíduo se depara com a imensa tarefa de ser, ao mesmo tempo, responsável por si e representante da humanidade inteira. Diante dessa carga, o existencialismo declara que o “homem é angústia” (Sartre, 2011, p.21). Isto é, a liberdade radical, quando reconhecida, não conduz ao conforto, mas à angústia, pois cada escolha carrega consigo o peso de definir o sentido da existência. “Contingência e negação permite o exercício da liberdade pela qual o homem inventa o homem” (Leopoldo, 2006, p.76)

O Para-si como porvir revela abertura da existência para as possibilidades do que virá a ser. Enquanto o Em-si é pleno e estruturado, o Para-si é carência de ser: ou seja, ele projeta-se constantemente para além do que ele é em direção ao que não é. Portanto, a estrutura ontológica permite compreender a existência não como uma dualidade, corpo e alma, mas como um dinamismo, uma constante ultrapassagem de si. Desse modo, a liberdade, distante de ser mera possibilidade abstrata, constitui o modo de ser do ser humano; é o que nos define enquanto sujeitos em constante construção. “O existencialismo nunca terá o homem como fim, pois ele sempre está por fazer-se” (Sartre, 2014, p.43).

Nesta primeira subseção compreendemos que a liberdade é uma condição ontológica do ser humano, uma condição constitutiva da existência humana. Jean-Paul Sartre nos convida a refletir sobre a profundidade das ações oriundas do ser humano, bem como o fardo e o privilégio de ser autor da sua própria existência. Na subseção seguinte trataremos como a liberdade dá origem a subjetividade, e como essa subjetividade pode ser ameaçada pela inautenticidade.

3.2 Constituições da subjetividade e o risco da inautenticidade

A constituição da subjetividade no pensamento sartriano está diretamente ligada à ideia de liberdade radical e à inexistência de uma essência pré-estabelecida. O indivíduo lançado no mundo, encontra-se com a tarefa de construir-se por meio das suas escolhas e da relação com o outro, uma vez que a constituição da subjetividade se realiza ao existir e se fundamenta através das relações sociais, ou seja, o indivíduo vem ao mundo sem

natureza nem propósito pré-determinado; tudo o que tem é a gratuidade da vida e através do contato com as instituições sociais, família, escola, igrejas, etc. é que se tem os primeiros contatos com o mundo e com o outro, somente a partir dessas interações forjam a sua subjetividade através das suas escolhas

Simone de Beauvoir, quando afirma em *O segundo Sexo* (1967) que não se nasce mulher: torna-se mulher, denuncia que a identidade feminina é uma construção social, pois se dá a partir de estereótipos e expectativas culturais, ou seja, dentro de uma determinada sociedade.

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1967, p.9)

Desse modo, as imposições externas levam o sujeito à má-fé e à inautenticidade como descreve Sartre, pois viver segundo os padrões impostos pela sociedade de forma inconsciente é viver de forma inautêntica e negar a própria liberdade.

A inautenticidade está presente nas formas de alienação, conformismo, performismo e superficialidade ou pressões sociais que moldam o “eu”, já a má-fé é uma forma concreta de inautenticidade, pois nega a própria liberdade perante a angústia da responsabilidade⁸ de fazer-se. Fazendo um paralelo entre Sartre e outros autores acerca da inautenticidade e os meios que favorecem seu florescimento, temos Hartmut Rosa que discute a alienação social como fator que afasta o sujeito de si.

Não conseguimos integrar nossos episódios de ação e de vivência (e as mercadorias que adquirimos) à totalidade da vida e, conseqüentemente, ficamos cada vez mais desligados ou desconectados dos tempos e dos espaços de nossa vida, de nossas ações e de nossas experiências, bem como das coisas com as quais vivemos e trabalhamos (Rosa, 2022, p.142).

Embora Sartre rejeite a ideia de um “Eu” fixo, é possível perceber que a alienação social leva o indivíduo a fazer escolhas de forma inconsciente, o que se aproxima da má-fé. Heidegger também contribui com a ideia da vida impessoal, o domínio de “si” (*das man*) que dilui a singularidade do sujeito em um modo de existência impessoal e conformado. Afirma Heidegger em *Ser e tempo*;

O impessoal desenvolve sua própria ditadura nesta falta de surpresa e possibilidade de constatação. Assim nos divertimos e entretemos como

⁸ Sobre os temas da alienação e responsabilidade, conferir Castelo Branco, 213, p. 288 – 304. CASTELO BRANCO, Judikael. Violência entre ontologia e história na filosofia de Jean-Paul Sartre. Kínesis, Vol. V, nº 10, Dezembro 2013, p. 288-304.

impessoalmente se faz; lemos, vemos e julgamos sobre literatura e a arte como *impessoalmente* se vê e julga; também nós retiramos de "grandes multidões" como *impessoalmente* se retira; achamos "revoltante" o que *impessoalmente* se considera revoltante. O impessoal, não é nada determinado, mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade (Heidegger, 2005, p.179).

Já Byung-Chul Han, em *A Sociedade do Cansaço* (2015), analisa a influência do mundo digital, onde há busca por performance, pela auto imagem e pela conformidade, o que fragiliza a construção de uma identidade autêntica. Han explica que “A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção” (Han, 2015, p.25).

Zygmunt Bauman, na sua obra, *Modernidade Líquida* (2001), reflete sobre a fluidez das identidades na modernidade líquida. Em um contexto de constante mudança, hiper conectividade e consumo de experiências, os indivíduos são obrigados a construir-se e reconstruírem-se de forma incessante. Dessa forma, para Bauman essa constante mudança pode gerar um sujeito superficial e que se configura de forma inautêntica. Essa fluidez, que para Bauman conduz à fragilização da identidade, pode ser lido a luz do pensamento sartriano como uma abertura ao risco de má-fé.

No campo da comunicação, houve verdadeira revolução com a invenção e o desenvolvimento da TV e do telefone celular, da imagem e do som através de satélites, mas sobretudo do computador e da internet. Tudo isso influencia a conduta e a consciência dos homens, de modo especial dos jovens. O progresso nunca traz apenas vantagens. Jovens, por exemplo, fisicamente próximos em grupos podem estar existencialmente distantes entre si quando cada um no seu celular aciona joguinhos, Facebook etc. Por um lado, a mídia dá a sensação de proximidade e liberdade; por outro, vive-se a solidão, pois é fácil confundir o virtual com o real. E isso traz consequências para a educação e a vida. Por que ainda escrever à mão? Por que não abreviar as palavras e as frases? Qual é a diferença entre a morte de um personagem no mundo virtual de um jogo de PlayStation e no mundo real?(Zilles,2016,p.10)

Todos esses autores – Rosa, Heidegger e Han – trazem conceitos que podem ser aproximados e assim dialogar com a noção sartriana de má-fé, o que testemunha a importância da reflexão de Sartre para a compreensão da sociedade hodierna. Contudo, o escopo do nosso trabalho incidirá mais sobre Rosa.

Desse modo, a gratuidade da vida e a total liberdade para construir-se no mundo acarreta grande responsabilidade que reflete em angústia no indivíduo diante das múltiplas possibilidades de escolhas. A angústia nasce do peso da responsabilidade no qual o indivíduo se vê responsável por si e por todos, “ao escolher a mim, estou escolhendo o homem” (Sartre, 2014, p.21). É nesse cenário que nasce a inautenticidade,

quando o ser humano nega sua responsabilidade sobre sua constituição e se adequa a um papel forjado pela sociedade.

Pode-se julgar um homem afirmando que ele age de má-fé. Ao definirmos a situação humana como sendo de uma escolha livre, sem recusas e sem auxílio, todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé (Sartre, 2014, p.39).

Como já dito na subseção anterior, para Sartre, a consciência é sempre consciência de algo e o indivíduo está sempre em transformação. O Para-si anseia pela completude sem nunca poder alcançá-la, pois está sempre em movimento, não há uma essência pré-determinada, tudo que existe é a possibilidade de ser. Dessa forma, o indivíduo está sempre em condição de vir a ser, uma vez que a subjetividade não é um dado e sim algo construído continuamente por meio das escolhas realizadas ao longo da existência. Porém, essa liberdade também traz consigo o risco de inautenticidade, quando o sujeito recusa a responsabilidade por si e se acomoda a papéis que não escolheu livremente, vivendo assim em má-fé.

Ora, sentir profundamente é já uma superação em direção à possibilidade de uma transformação objetiva; na prova do vivido, a subjetividade volta-se contra si mesma e arranca-se ao desespero pela objetivação. Assim, o subjetivo retém em si o objetivo que ele nega e supera em direção a uma nova objetividade; e essa nova objetividade, em sua qualidade de objetivação, exterioriza a interioridade do projeto como subjetividade objetivada (Sartre, 2002, p.81)

Na *Crítica da razão dialética* (2002) Sartre argumenta que ao viver intensamente uma experiência a subjetividade entra em crise e volta-se contra si mesma, transformando-se em ação. Ação essa que exterioriza o projeto interior e permite a superação de uma situação em direção a uma nova subjetividade. Desse modo, viver de forma autêntica é assumir esse movimento dialético e reconhecer a própria liberdade, enfrentando assim a angústia e projetando de maneira criadora.

Sartre destaca a importância do olhar do outro (*pour-autrui*) na constituição da subjetividade, pois é através desse movimento que o indivíduo formula sobre si um juízo tal qual se formula sobre um objeto. Dessa forma, o outro serve como um espelho, uma mediação entre mim e mim mesmo.

Nesta subseção buscou-se compreender que para Sartre, a subjetividade se constitui a partir da liberdade radical do indivíduo que nasce totalmente desamparado e responsável por sua existência. A ausência de essência pré-estabelecida exige de cada

indivíduo que se construa continuamente por meio das suas escolhas e através das suas relações. E que negar essa responsabilidade e aceitar viver conforme os padrões

rígidos impostos pela sociedade é viver de forma inautêntica e na má-fé. A angústia, longe de ser um sentimento negativo, mostra que a liberdade é fundamental e o compromisso que o sujeito deve assumir diante de si.

Na subseção seguinte analisaremos como a má-fé manifesta-se como estratégia de fuga diante das pressões e exigências da contemporaneidade, onde a constante necessidade de performance e adaptação pode intensificar a recusa da liberdade.

3.3. A má-fé como estratégia de fuga na contemporaneidade acelerada.

Nesta subseção, analisaremos a contemporaneidade, acentuando a aceleração constante na qual o tempo se tornou cada vez mais escasso. Para isso utilizaremos do pensamento de Hartmut Rosa (2019) acerca da aceleração social, que descreve a modernidade como uma sociedade da aceleração, pontuando que as mudanças sociais, culturais e tecnológicas correm em ritmo voraz, fazendo com que os indivíduos se vejam constantemente pressionados a se adaptar e atualizar. Dentro desse cenário, a subjetividade corre risco de ser moldada pelo ritmo da velocidade do consumo de experiências e hiperconectividade, tornando-a cada vez mais fragmentada. Procuraremos, após apresentar brevemente um diagnóstico do que podemos compreender como problemas da contemporaneidade recorrendo a alguns filósofos já discutidos acima, fazendo uma ligação entre Sartre e Rosa.

Para o filósofo existencialista, Jean-Paul Sartre (2014), a má-fé nasce quando o sujeito nega a sua liberdade e adere a papéis socialmente impostos, justificando as suas ações ou inações por meio dela. Dentro do contexto de uma sociedade acelerada que exige uma hiperprodutividade, visibilidade e progresso, muitos indivíduos se refugiam na má-fé, ou seja, aderem inconscientemente a papéis rígidos, acreditando não se ter escolhas, assim negando sua liberdade escondendo-se através de expectativas e papéis sociais. Desse modo o sujeito é constantemente compelido a performar, produzir e mostra-se cada vez mais produtivo.

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (Han, 2015, p.14).

Desse modo, o desejo incessante por desempenho presente na modernidade pode ser lido a luz de Sartre como um estado de má-fé, uma vez que o indivíduo alienado de si assume uma identidade forjada pelas expectativas sociais. transitando das redes sociais ao consumo; ele se perde em uma performance continua: estão superando, alcançando

metas, sendo sua melhor versão ou estão simplesmente performando⁹? São capazes de distinguir se fazem por vontade genuína ou se somente seguem o bando?

A vida acelerada presente na modernidade na qual os indivíduos recebem enxurradas de informações e estímulos diariamente contribuem para o condicionamento sutil, como aponta Byung-Chul Han em *A Sociedade do Cansaço*: “Assim não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo” (2015, p.16). De mesmo modo Zygmunt Bauman (2001) também contribui com a ideia da modernidade líquida, caracterizada por vínculos rasos e frágeis e sobretudo por identidades mutáveis e fragmentadas, tudo isso para adaptar-se ao fluxo incessante de mudanças. Essa reinvenção e adesão de papéis que não são escolhidos de forma consciente pode ser lida à luz do pensamento de Sartre como uma forma de má-fé, ou seja, o sujeito renuncia a sua autenticidade para corresponder às demandas da fluidez social, sendo assim, outra forma de fuga da sociedade acelerada.

Sartre afirma que “o homem está condenado a ser livre” (Sartre, 2014, p.24) e que a liberdade é uma condição existencial do ser humano. Porém, quando essa liberdade é confrontada pela aceleração contemporânea e pela pressão por desempenho, se torna fonte de angústia e é nesse cenário que a má-fé surge como mecanismo de fuga na tentativa de escapar do peso da responsabilidade se abrigando em rotinas automatizadas.

Conclui-se assim que na contemporaneidade acelerada, a má-fé não é uma atitude individualizada, mas sim incentivada pelas estruturas sociais, econômicas e tecnológicas, afinal como afirma Hartmut Rosa:

Contudo, gostaria de sustentar que na modernidade tardia a aceleração social se tornou um sistema autopropulsor que não precisa mais de nenhuma força de impulsão externa. As três categorias identificadas anteriormente – aceleração tecnológica, aceleração da mudança social e aceleração do ritmo de vida – passaram a formar um sistema entrelaçado de retroalimentação que se impulsiona sem parar (Rosa, 2022, p, 43).

Desse modo, a aceleração, como observa Rosa, ao pressionar o sujeito em um ciclo de produtividade e adaptação, intensifica a alienação e favorece a má-fé, afastando-o de uma vida autêntica.

Nesta última subseção, analisamos a má-fé como estratégia de fuga em uma sociedade marcada pela aceleração. Vimos que a negação da liberdade, ressurge na contemporaneidade como uma resposta subjetiva às pressões de desempenho e à

⁹ Entende-se por performance, neste trabalho, o conjunto de ações e comportamentos socialmente encenados pelos indivíduos no cotidiano, em conformidade com expectativas sociais, aproximando-se da noção de “encenação do eu” desenvolvida por Erving Goffman (2002) e das discussões contemporâneas sobre proatividade e identidade.

aceleração do tempo. No capítulo seguinte, faremos um paralelo acerca da aceleração social de Hartmut Rosa e a constituição da subjetividade à luz do pensamento de Jean-Paul Sartre, abordando os impactos das demandas sociais na formação de uma subjetividade autêntica.

4 SARTRE E ROSA: LIBERDADE E ACELERAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE.

Este último capítulo busca estabelecer um diálogo entre os pensamentos de Jean-Paul Sartre e Hartmut Rosa com a finalidade de compreender como a aceleração social e a experiência da liberdade podem ser articuladas para a constituição de uma proposta de compreensão da subjetividade contemporânea. De um lado temos Rosa, que descreve os efeitos da modernidade tardia por meio do conceito de aceleração, revelando as implicações desse processo sobre as formas de vida social. Do outro lado temos Sartre, que enfatiza a liberdade diante de contextos de opressão e de escolhas inevitáveis.

Ao aproximar esses dois autores é possível observar que apesar de partirem de perspectivas diferentes, uma ancorada na teoria crítica da sociedade e outra no existencialismo, ambos convergem ao apontar para os desafios impostos ao sujeito em meio a uma realidade marcada por múltiplas exigências. Desse modo, busca-se fazer uma leitura do conceito de aceleração social de Hartmut Rosa à luz do pensamento sartriano, evidenciando de que modo a dinâmica temporal contemporânea repercute na constituição da subjetividade. De mesmo modo, discutiremos a noção de liberdade e responsabilidade em Jean-Paul Sartre à luz da teoria crítica de Rosa, destacando como as pressões sociais e temporais influenciam a vivência da liberdade e a assunção de liberdade e responsabilidade

O capítulo será dividido em três subseções, a primeira fazendo uma leitura de Rosa à luz de Sartre e a segunda uma leitura de Sartre à luz de Rosa; na terceira abordaremos a constituição da subjetividade contemporânea. Para isso utilizaremos as obras: *O ser e nada* de Jean-Paul Sartre e *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* de Hartmut Rosa.

4.1 Um olhar existencialista, frente os impactos sociais oriundos da aceleração do tempo.

4.1.1 Alienação e má-fé

Hartmut Rosa na sua obra *Aceleração: transformação das estruturas temporais na modernidade* (2019), descreve a alienação como um dos efeitos principais do processo de aceleração social. De acordo com ela, o indivíduo pressionado pelas inúmeras tarefas e pela escassez de tempo encontra-se incapaz de manter uma relação significativa com o mundo que o cerca. Isso acontece devido ao processo de liquefação no qual Rosa defende que as identidades na modernidade tardia tornam-se cada vez mais fluídas e fragmentária, respondendo assim às exigências da aceleração social.

Nesse ponto parece se agrupar todos aqueles elementos que caracterizam, no diagnóstico das identidades pós modernas, a liquefação das estruturas da identidade, antes estáveis, em favor de relações identitárias mais abertas, mais experimentais, mais fragmentárias e sobretudo cada vez mais transitórias, que refletem a dinâmica dos frenéticos “fluxos globais” (Rosa, 2019, p.454).

A palavra “alienação” que vem do latim *alienatio-onis*, derivado de *alienare* (tornar alheio, separar, transferir), que por sua vez vem de *aluis* (outro). Ou seja, no sentido etimológico da palavra, *alienação* significa “torna-se do outro, torna-se estranho, afastar-se de si”¹⁰. Desse modo, esse processo resultante da aceleração social está presente em todos os âmbitos da vida social. Rosa, em sua obra *Alienação e aceleração* (2022), esboça os diferentes tipos de alienação, entre os quais a alienação do espaço, que se refere a sensação de deslocamento e de não pertencimento, de modo que não há vínculos com o espaço, tornando-o o sujeito desenraizado, morador de lugar algum.

Contudo, essas formas de intimidade e familiaridade levam tempo para desenvolver: se uma pessoa se move e se desloca repetidas vezes, mais cedo ou mais tarde ela perderá essa conexão com um espaço geossocial específico: é preciso saber onde está o supermercado, a mercearia, bem como as escolas, os escritórios, a academia de ginástica, mas os espaços entre esses locais permanecem “silenciosos” no sentido de Augé (1992) dá ao conceito de *non-lieux* (não lugar): eles não contam nenhuma história, nem carregam memórias, não estão entrelaçados com sua identidade. (Rosa, 2022, p.124-125)

Existe também a alienação das coisas. Rosa ressalta que não mais se consertam roupas e utensílios, na modernidade tardia tudo se produz rápido e consertar leva tempo demais. Por isso as pessoas optam por substituir sempre mais rápido, seja a meia furada ou o carro do ano, acarretando assim à ausência de ressonância. Cita Rosa sobre a alienação das coisas: “Tais coisas são ‘acolhidas’ e vivenciadas em todas as suas dimensões sensoriais e elas também carregam as marcas daquela pessoa. Elas tornam-se parte da experiência cotidiana vivenciada por ela, da identidade e da história dela” (Rosa, 2022, p.126). Não se trata apenas de consumismo, obsolescência ou descartabilidade, mas sobretudo do fato de possuir coisas e não se apropriar por completo delas. Com isso

¹⁰ Ver a esse respeito *Dicionário básico de filosofia* de Hilton Japiassú Danilo Marcondes (Zahar, 5ªed.)

também ocorre a alienação das nossas ações. Você planeja terminar o TCC com calma, mas se vê respondendo mensagens e realizando pequenas tarefas do dia a dia e acaba tendo trabalhado muito no fim do dia, mas não sem ter feito o que realmente queria. Dessa forma, o indivíduo torna-se estranho às próprias ações. “Defino alienação de início como a sensação de ‘não querer realmente fazer o que e se faz’, mesmo que aja por si, de livre – vontade e decisão” (Rosa, 2022, p.131-132).

Com isso vivemos sempre o padrão curto-curto¹¹ nos levando à alienação do tempo, à desconexão do sujeito com o seu próprio tempo vivido, tendo sempre a sensação de não ter tempo suficiente. O presente é sempre colonizado pelo futuro e ao invés de experimentar-se o tempo como próprio tem-se no como estranho e escasso, fazendo com que o sujeito se sinta sempre retardatário. “[...] o que ocorre aqui é uma falta de ‘apropriação do tempo’, nós não conseguimos fazer do tempo das nossas experiências o ‘nosso’ tempo: permanecemos alienados dos episódios de vivência e do tempo que lhes devotamos” (Rosa, 2022, p. 141).

Por fim, temos a alienação de si e dos outros, a desconexão nas relações humanas, a impregnação das relações superficiais e utilitárias, rápidas, ver-se como estranho a si. Sobre isso Rosa afirma:

Não conseguimos entregar nossos episódios de ação e de vivência (e as mercadorias que adquirimos) à totalidade da vida e consequentemente ficamos cada vez mais desligados dos tempos e dos espaços de nossa vida, e de nossas ações e de nossas experiências, bem como das coisas com as quais vivemos e trabalhamos (Rosa,2022, p.142).

Interpretando as diferentes formas de alienação à luz da noção de má-fé de Jean-Paul Sartre, percebemos que a aceleração social intensifica o ritmo das demandas e fragmenta experiências favorecendo assim as diversas formas de alienação citadas acima por Rosa, que podem ser lidas sob a perspectiva sartriana de má-fé, o ato do indivíduo de negar a sua própria liberdade e responsabilidade. Diante disso, destrincharemos os tipos de alienação, mas agora evidenciando a má-fé contida nelas.

Começaremos então pela alienação do espaço, que, como já dito anteriormente, é a sensação de deslocamento e de não pertencimento resultante da alta necessidade de deslocação, fazendo com que os indivíduos não criem raízes onde estão. Visto isso à luz da má-fé, podemos perceber que aceitar que não há tempo suficiente como desculpa sem

¹¹ Segundo Hartmut Rosa, no mundo midiático tardo-moderno as formas clássicas de experiências de tempo longo-curtas ou curto-longas são substituídas por uma nova forma de experiência que segue o padrão “curto-curto”. Rosa argumenta que para uma pessoa que passa o dia todo assistindo televisão o tempo passará rápido, mas ao fim terá a sensação de ter acabado de acordar, é nesse contexto que emerge o padrão “curto-curto”: o tempo correrá rápido na experiência, mas diminui na memória. (Rosa,2022, p.138)

assumir que se poderia escolher priorizar o que é significativo é estar em má-fé, pois evitar assumir a responsabilidade de se apropriar do espaço vivido é um ato de má-fé.

Da mesma forma como alienação das ações, conforme as quais se cumprem demandas externas sem questionar ou mesmo dizer “é assim que tenho que viver” negando a liberdade de decidir como agir, é má-fé, pois viver em má-fé é negar a própria liberdade. De igual maneira, como má-fé ser compreendida a alienação das coisas, agindo sob a influência da qual se trocam as coisas alegando não se ter tempo para consertá-las, evitando conhecê-las. Além dela, também pode ser entendida como má-fé a alienação do tempo e alienação de si e dos outros; na primeira o indivíduo aceita que não tem tempo suficiente para escolher o que priorizar; na segunda o indivíduo vive desconectado de si e dos outros alegando que as coisas são assim mesmo em vez de se relacionar com os outros e reconhecer-se.

Segundo Sartre “O ser humano não é somente o ser pelo qual se revelam negatividades no mundo, é também o que pode tomar atitudes negativas com relação a si” (Sartre, 1943, p.110). Ou seja, para Sartre, mesmo diante de circunstâncias externas que pressionam e alienam, o sujeito tem a liberdade de escolher como agir, interpretar e relacionar-se consigo próprio.

4.1.2 Aceleração social e temporalidade existencial

Em capítulos anteriores já esboçamos que a sociedade contemporânea é marcada por um ritmo acelerado que se intensifica cada vez mais, multiplicando as demandas cotidianas impostas pela vida moderna. Esse fenômeno denominado por Rosa de *aceleração social*, caracterizado pelo aumento da velocidade nas esferas técnico, social e cotidiano, geram no indivíduo a sensação de nunca dispor de tempo suficiente para si mesmo. Na esfera técnica, as inovações tem se tornado obsoletas em espaços de tempo cada vez menores, o que cria a impressão de que é preciso acompanhar as inovações dos dispositivos e sistemas; na esfera social não é diferente, as transformações nas relações interpessoais e profissionais são rápidas, o que exige adaptação constante e, muitas vezes, precária, o que ressoa na esfera do cotidiano, onde observa-se a multiplicação de tarefas produzindo uma rotina fragmentada e carregada de urgência.

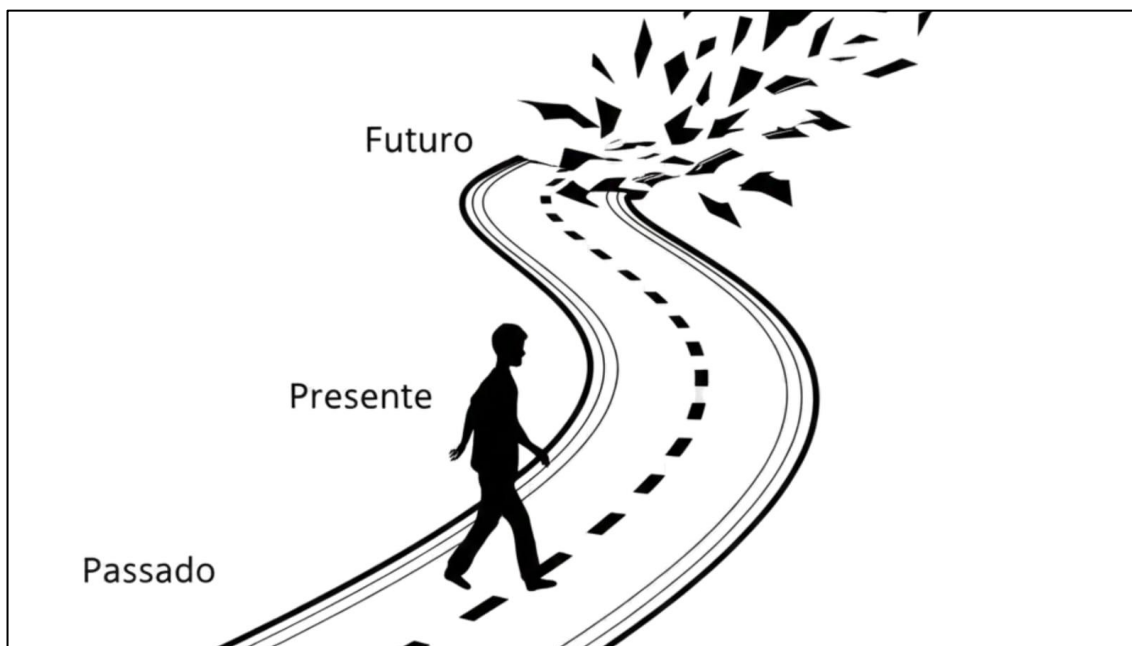
É nesse cenário que o indivíduo corre o risco de perder o sentido da experiência temporal e reduzir-se a uma sucessão fragmentada de tarefas. “Aqui se manifesta, de forma especialmente impressionante, a irracionalidade da moderna lógica escalar, que se assemelha a um ‘correr às cegas’: os esforços de hoje não significam um alívio duradouro

amanhã, antes uma dificuldade e uma agudização do problema” (Rosa, 2019, p. XI). Em outras palavras, quanto mais o indivíduo tenta acompanhar o ritmo acelerado da vida moderna, mais sente que nunca é suficiente, e os problemas se acumulam. O tempo que deveria ser espaço de experiência e significação converte-se em uma sequência de exigências externas que invadem a subjetividade e colonizam a vida interior.

Em diálogo com essa perspectiva, a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre oferece uma chave interpretativa distinta ao propor a noção de *temporalidade existencial*. Enquanto Rosa descreve um tempo socialmente acelerado, Sartre desloca a análise para o campo da consciência, entendendo-a como abertura para o futuro.

No existencialismo o sujeito é sempre um projeto, isto é, um ser lançado para além de si, que se constrói nas escolhas que realiza a cada instante.

Figura – 1 Representação do caminhar humano entre passado, presente e futuro.



Fonte: Souza (2025).

Nesse contexto o passado não é uma prisão, mas um conjunto de situações já vividas que servem como base para novas possibilidades. Por sua vez, o presente é o momento da ação, da escolha, da decisão concreta, já o futuro constitui-se como horizonte de sentido, aquilo em direção ao qual o ser humano se projeta. Essa concepção permite compreender que, mesmo em meio à aceleração social, o sujeito não está totalmente determinado pelas pressões externas. De acordo com o pensamento sartriano, mesmo quando há condicionamento o sujeito ainda tem a liberdade/obrigação de escolher o que

fazer. Por isso, mesmo em meio a lista de tarefas cada vez maiores, o ser humano tem liberdade de se posicionar.

A consciência está sempre em transformação. Para ilustrar (figura 1) esse movimento da consciência, podemos supor um indivíduo que decide deixar a casa materna com o objetivo de realizar um sonho: esse movimento de sair da casa de sua mãe e da cidade onde cresceu representa a abertura para novas possibilidades existenciais, já todo o trajeto que fará constitui o presente e cada escolha tomada ao longo desse processo implicará diretamente na configuração de sua realidade futura. Desse modo, ainda que o mundo se apresente em constante transformação e as mudanças ocorram de forma cada vez mais acelerada, tal como a correnteza do rio, é observável também o esvaziamento das significações, tornando a vida mais rasa.

Paralelamente, tais exigências impostas aos indivíduos, sobretudo no âmbito laboral, fazem com que a vida se torne cada vez mais pesada, mas mesmo assim o indivíduo ainda tem a capacidade de preservar a escolha de como viver.

4.1.3 Ressonância e autenticidade

A autenticidade conforme compreendida pela filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre é vista como eixo central da existência humana. Para Sartre o ser humano é lançado ao mundo sem natureza ou essência que o pré-determine. Com isso a responsabilidade de criar-se no mundo é própria de cada indivíduo que ao longo de sua existência e através das escolhas que realiza vai construindo-se. A autenticidade seria então assumir a liberdade e a responsabilidade que dela decorre, evitando a má-fé, ou seja, evitar a negação da própria liberdade ou a fuga das consequências de nossas próprias escolhas. A autenticidade, portanto, não é algo só ético, mas também uma condição para uma vida significativa e consciente.

Para Heidegger, ser é ser suas próprias possibilidades, é fazer-se ser. Portanto, o que eu me faço ser é um modo de ser. Tanto é verdade que sou responsável pelo meu ser Para-outro, na medida em que o realizo livremente na autenticidade ou na inautenticidade. É em total liberdade e por uma escolha original, por exemplo, que realizo meu ser-com sob a forma do “se” impessoal (“on”). E, se me perguntam de que modo meu “ser-com” pode existir para mim, devo responder que revelo a mim, através do mundo, aquilo que sou (Sartre, 2007, p. 413).

Portanto não há essência pronta, o ser só é o que escolhe ser no exercício de sua liberdade, como também se é responsável pela forma que se mostra aos outros podendo ser autêntica, assumindo a liberdade, ou a inautenticidade, escolhendo viver em má-fé, negando sua própria liberdade. A descoberta de si se dá na relação com o mundo e com outro através de suas ações no mundo.

Por outro lado, Hartmut Rosa, em sua teoria da ressonância, propõe que a qualidade de nossa existência depende da profundidade das relações com o mundo. Uma saída da vida centrada na aceleração, na produtividade e no consumo, a vida ressonante se caracteriza por suas relações mais intensas e profundas com o mundo, o sujeito se sente afetado e transformado pelo mundo ao mesmo tempo que responde a ele. A alienação marcada pelo esvaziamento de sentido é o que impede que essas relações aconteçam.

Ressonância não é uma categoria ou um recurso que se obtenha. Ressonância é um modo de relação com o mundo. A nossa condição primordial perante o mundo é de ressonância. As nossas primeiras aproximações ao mundo quer corpóreas quer interpretativas são, quando eficazes, ressonantes. Assim o primeiro contacto do bebé com o mundo no seu ambiente uterino [...]; da mesma forma, os contactos corporais com os outros significativos que se lhe sucedem [...]. (Oliveira, 2021, p.2).

Portanto, ao cruzar os pensamentos de Sartre e Rosa, podemos evidenciar que ambos apontam caminhos complementares para superar modos alienados de existência. A autenticidade de Sartre permite que o sujeito se assume enquanto ser livre e a ressonância de Rosa oferece uma via para que essa liberdade se manifeste na interação com o mundo. Desse modo a união desses dois conceitos oferece uma visão mais ampla sobre a construção de uma vida plena, consciente e relacional. Veremos mais sobre esse aspecto nas considerações finais.

4.2 Um olhar contemporâneo sobre Sartre à luz da aceleração social de Rosa.

4.2.1 liberdade situada sob aceleração.

Para Sartre o homem está condenado à liberdade, isto é, mesmo diante de condicionamentos sociais, históricos ou pessoais o indivíduo não pode se abster de escolher como agir. Dessa forma a liberdade é situada, pois exerce-se dentro de situações concretas que não anulam a liberdade de escolha, mas as circunscrevem.

Assim, ainda que as coisas em bruto (que Heidegger denomina “existentes em bruto”) possam desde a origem limitar nossa liberdade de ação, é nossa liberdade mesmo que deve constituir previamente a moldura, técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão manifestar-se como limites (Sartre, 2007, p. 545)

Desse modo, a liberdade sartriana não é absoluta, no sentido de escapar dos condicionamentos concretos da existência, mas sim se afirma fazendo deles o campo onde ela pode ser compreendida, pois é somente na ação, nas circunstâncias dadas, sejam sociais, históricas ou pessoais que o indivíduo exercita sua liberdade e responsabilidade.

Trazendo essa concepção de liberdade situada pra contemporaneidade no contexto da aceleração social descrita por Rosa, evidenciamos que a liberdade confronta um novo

tipo de condicionamento: a pressão do tempo. O sujeito contemporâneo encontra-se imerso em múltiplas demandas, sentindo-se constantemente obrigado a tomar decisões rápidas, quase que automáticas, como se fossem máquinas; é dessa forma que a velocidade da vida moderna trata os indivíduos. É importante ressaltar que a aceleração não elimina a liberdade, mas sim a condiciona, reduzindo o espaço reflexivo do sujeito o que tem grande impacto nas escolhas e ações dos mesmos, pois gera no ser humano respostas impulsivas, pragmáticas e superficiais, refletindo assim uma experiência do tempo fragmentária. Como observa Rosa:

Em relação as formas de condução da vida e aos padrões identitários dos sujeitos, é de significado decisivo o fato de que o rearranjo da ordem social e cultural que se estabelece sobre a lógica da estabilização e da reprodução dinâmica se reflita imediatamente no *modo de alocação* da sociedade (Rosa, 2019, p. XXI).

Essa observação salienta que não apenas a aceleração reorganiza externamente a vida social, como também circunscreve as formas de experiência subjetiva. E é exatamente nesse ponto que o diálogo com Sartre se mostra fecundo. De um lado encontra-se Rosa, que evidencia como a aceleração condiciona e fragmenta as experiências humanas, de outro lado encontra-se Sartre, que nos lembra da liberdade radical, de tal modo que mesmo condicionada a liberdade nunca desaparecerá.

Dessa forma o desafio contemporâneo está em exercer uma liberdade situada que não afunde na lógica da velocidade, mas que busque criar espaço de reflexão e autenticidade.

4.2.2- Angústia e perda de ressonância

A angústia para Sartre ocorre quando o sujeito se vê totalmente responsável por suas escolhas. Isso para o filósofo é a consciência radical da própria liberdade diante do nada que funda sua existência. Ao perceber-se totalmente jogado no mundo o sujeito tem a experiência da angústia, quando percebe que nada é garantido e que tudo depende de suas escolhas e que não há nada, nem valores, nem essência predeterminadas que possam orientar de modo definitivo. Por isso, o homem condenado a angústia experimenta o peso, ao mesmo tempo que a dignidade da liberdade. “E então que sua liberdade tomará consciência de si mesmo e se descobrirá, na angústia, como única fonte do valor, e como o nada pelo qual o mundo existe” (Sartre, 2007, p. 1168).

Na contemporaneidade a angústia ganha uma nova forma: a vida moderna marcada por ritmos cada vez mais acelerados e pela instabilidade promovem no ser

humano a sensação de insuficiência e impotência diante da existência, fragilizando os vínculos profundos do sujeito com o mundo, o que Rosa chama de perda de ressonância - a ressonância é a capacidade de se relacionar de forma significativa com pessoas, objetos, lugares e experiência. Com a perda de ressonância oriunda da alienação o mundo aparece mais silencioso e hostil, pois não há mais relação entre homem e mundo.

Fazendo um elo entre angústia sartriana e perda de ressonância de Rosa, percebemos que ambos os conceitos revelam uma experiência de desamparo diante da vida. É na angústia que se revela a total responsabilidade por existir, de mesmo modo que a perda de ressonância é a desconexão com o mundo que impede o sujeito de sentir a vida e o mundo que o cercam.

Ambos conceitos não são apenas diagnósticos negativos, mas sim um chamado tanto para assumir a liberdade e a responsabilidade como por buscar novas formas de ressonância.

4.2.3 má-fé como adaptação ao ritmo social

O conceito de má-fé desenvolvido por Jean-Paul Sartre refere-se ao movimento de recusa da liberdade, quando o sujeito engana a si mesmo para fugir da responsabilidade radical de sua liberdade. Para Sartre o homem é condenado a escolher continuamente, sem que exista uma essência pré determinada que oriente a sua ação. Porém o peso da responsabilidade por criar-se é tão angustiante que o indivíduo recorre a má-fé, assumindo justificativas externas, papéis sociais fixos ou normas impostas como determinações inescapáveis.

Ao analisamos esse fenômeno à luz da contemporaneidade, a sociedade marcada pela aceleração do tempo descrita por Hartmut Rosa, a má-fé pode ser vista como uma adaptação ao ritmo social, pois é justamente nesse cenário performático¹² e alienado onde se exige adaptação e atualização constantes, como também impõe uma lógica da rapidez e produtividade, é que se vê faltar tempo para autorreflexão, para a formação da autenticidade e para as escolhas livres.

Dessa forma agir em má-fé dentro desse cenário é se adaptar mecanicamente às exigências externas, obedecendo às pressões econômicas e sociais como se fossem inevitáveis. Diante disso o sujeito abandona sua autonomia e escolhe viver como se não tivesse outra escolha a não ser se adaptar às imposições do sistema. Mas como toda escolha tem uma consequência, o sujeito, ao abandonar sua liberdade e escolher se

¹² Ver a esse respeito *Sociedade do Cansaço* de Byung-Chul Han (2015)

enquadrar em padrões impostos socialmente, perde a sua autenticidade e a capacidade de sentir a vida, pois a vive de forma automática regulada por demandas externas. O sujeito aparenta estar integrado ao ritmo social, mas na verdade está desconectado de si próprio.

Portanto, compreender a má-fé como adaptação ao ritmo social acelerado é evidenciar que o indivíduo contemporâneo vive uma tensão entre liberdade e aceleração. Escolher adapta-se a esse ritmo acelerado por meio da má-fé é fugir da angústia oriunda da responsabilidade que a liberdade radical traz. Por outro lado, acaba reforçando a alienação e fragilizando as possibilidades de ressonância.

Byung-Chul Han sustenta essa ideia em seu livro *Sociedade da transparência* (2017) quando fala da teoria da obscenidade em Sartre para retratar o corpo da sociedade e seus processos e provimentos. Afirma Byung-Chul Han:

As Teoria da Obscenidade de Sartre pode ser aplicada muito bem ao corpo da sociedade, em seus processos e movimentos. Tornam-se obsceno quando são privados de toda narratividade, de todo direcionamento, de todo sentido. Sua quantidade excessiva e sua sobrançeria se expressam, então, como adiposidade, massificação, proliferação massiva. Eles proliferam e crescem sem objetivo, sem forma, e nisso é que reside sua obscenidade. Obsceno são a hiperatividade, a hiperprodução e a hipercomunicação, que se lançam velozmente para além da meta. Obscena é a hiperaceleração, que já não é realmente *movente* e tampouco nada leva *adiante*. Em seu excesso, lança-se para além de seu *para onde*. Obsceno é esse puro movimento que se acelera por causa de si mesmo: “O movimento desaparece menos na imobilidade do que na velocidade e no aceleração; ele se dissolve naquilo que é mais móvel do que o movimento, e, se puder assim dizer, naquilo que impinge o movimento ao extremo, roubando-lhe a direção (Han, 2017, p.36).

Dessa forma, pode-se observar que Han ao retomar a teoria da obscenidade de Sartre evidencia como a sociedade contemporânea, marcada pela hiperexposição e pelo excesso de informação contribui para sua perda de narrativa e direcionamento. Dentro dessa pesquisa, isso mostra que a aceleração e a transparência total não apenas intensificam a visibilidade, como também fragilizam a construção da subjetividade.

4.3 A constituição da subjetividade na contemporaneidade acelerada.

Diante desse cenário contemporâneo marcado pela aceleração social, tecnológica e comunicacional, torna-se de excepcional importância discutir acerca da constituição da subjetividade nesse contexto. Vale ressaltar que embora Byung-Chul Han evidencie os efeitos da transparência, do excesso e estímulo e da pressão pelo desempenho, o foco desta análise recai sobre a perspectiva de Sartre e Rosa, que permitem compreender a tensão entre liberdade individual e aceleração social. Diante do exposto, o objetivo desta

última subseção é mostrar de que forma o sujeito contemporâneo se constitui, resiste e busca sentido em um mundo cada vez mais acelerado.

Como já apresentado em capítulos anteriores, Hartmut Rosa apresenta a aceleração social e tecnológica como fenômenos que alteram radicalmente a experiência do tempo e consequentemente, a vida subjetiva. A sensação de urgência constante oriunda da aceleração social e das cobranças impostas acabam por dificultar a conexão do indivíduo consigo mesmo e com o mundo – aquilo que Rosa chama de perda de ressonância, ou seja, perda da capacidade de experimentar uma relação significativa com o que nos cerca. “Nada do que meu olhar apreende chega até o coração; no entanto, o todo inquieta sua pulsação e lhe ordena inércia, de forma que eu, por alguns instantes, esqueço quem sou e a quem pertenço (Rosa, 2019, p. 454).

A liberdade como conceituada por Sartre, agora condicionada a um contexto aceleratório, enfrenta desafios, mas ainda se mantém. Para Sartre o homem é radicalmente livre e responsável por suas escolhas, mesmo que o ambiente imponha pressões externas. Ao exigir respostas rápidas e atualizações contínuas a aceleração moderna cria condições propícias à má-fé, quando o sujeito nega sua liberdade adaptando-se mecanicamente às exigências do tempo e das expectativas sociais. Assim ao posicionar Hartmut Rosa (aceleração externa) e Jean-Paul Sartre (liberdade interna) revela-se como central a tensão entre ambos para compreender a constituição da subjetividade contemporânea.

Dessa forma, as estratégias de constituição do eu presente tanto em Sartre como em Rosa, apresentam que mesmo diante da pressão da aceleração o indivíduo contemporâneo pode desenvolver estratégias para constituir e preservar sua autenticidade¹³. Rosa apresenta a ressonância como meio para escapar da vida alienável e da perda de autenticidade. A ressonância é justamente a capacidade do indivíduo de fazer conexões significativas com o mundo e com outras pessoas. É uma forma de resistir à fragmentação provocada pela aceleração. De mesmo modo, Sartre traz o reconhecimento da liberdade que complementa a perspectiva de ressonância de Rosa. Lembrando que a autenticidade surge do reconhecimento da liberdade e da assunção da responsabilidade por suas escolhas, sejam elas pequenas ou aparentemente insignificantes. Ao abraçar a liberdade e a responsabilidade que vêm junto dela, a reflexão consciente e a prática da introspecção vêm como presente. A criação de espaço de pausas, são formas concretas de afirmar a subjetividade.

¹³ Para consultar sobre autenticidade na filosofia de Sartre, ver: Barros, Wagner de. Sobre a autenticidade na filosofia de Sartre.

Byung-Chul Han, ajuda a sustentar essa argumentação, pois evidencia que o excesso de estímulos e exposição continua dificultam a atenção e o engajamento profundo.

A sociedade da transparência segue precisamente a mesma lógica que a sociedade do desempenho. O sujeito do desempenho é alguém livre da instância e do domínio externo que o obriga a trabalhar e o explora no trabalho. Mas a derrocada da instância de domínio não leva a uma real liberdade e a falta de coação, uma vez que o sujeito do desempenho também se autoexplora, ou seja, o sujeito que explora é ao mesmo tempo o sujeito explorado (Han, 2017, p,56).

Dessa forma, a subjetividade contemporânea precisa, assim, navegar entre aceleração, distração e esforço pela autenticidade. Portanto, mesmo dentro de um contexto aceleratório e de sobrecarga, o sujeito ainda tem meios para uma constituição do “eu” autêntica, no entanto, exige que o sujeito reconheça sua liberdade e assuma suas responsabilidades, como também busque momentos de ressonância.

Esse diálogo entre aceleração e liberdade, entre ritmo social e consciência individual, sintetiza a experiência subjetiva contemporânea. Conclui-se o capítulo com a perspectiva de que a construção do sentido e da autenticidade continua sendo um ato proposicional e consciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar os impactos da aceleração social na constituição da subjetividade de acordo com uma visão que levou em conta, comparativamente, Rosa e Sartre. Para isso, foi-se preciso analisar a aceleração do tempo, suas formas de manifestação e suas consequências, para então compreender sua influência na formação da subjetividade. Desse modo, utilizou-se o pensamento de dois autores: Jean-Paul Sartre, filósofo francês existencialista que trabalha o conceito de subjetividade e sua constituição a partir da existência. Além dele, Hartmut Rosa, sociólogo alemão que trata a respeito da aceleração social, evidenciando que a aceleração do tempo impacta todos os âmbitos da vida, seja pessoal ou profissional. Ao reunir o pensamento desses dois autores, buscou-se trazer um olhar existencial diante dos fenômenos sociais aceleratório.

Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que ambos os autores compartilham uma preocupação com a autenticidade e com a forma como os indivíduos se relaciona consigo mesmos e com o mundo. Rosa ressalta que a vida alienada impede o indivíduo de alcançar uma “boa vida”, pois o faz cair em padrões impostos pela sociedade, tornando-se estranho a si mesmo. Sartre, por sua vez, aponta que viver segundo padrões e formas rígidas de ser atribuindo a esses fatores o domínio sobre as ações é viver em estado de má-fé, o que afasta o ser humano de sua autenticidade.

Verificou-se que a teoria existencialista de Sartre, ao destacar a liberdade e a responsabilidade, dialoga direta ou indiretamente com as reflexões de Rosa sobre a necessidade de ressignificar o tempo e a experiência na modernidade, o que justificou a aproximação entre os autores tendo em vista a afinidade conceitual. Dessa forma, o estudo analisou a possibilidade de uma “boa vida” em meio à contemporaneidade acelerada, afirmando que, embora o sujeito enfrente limitações e imposições, ainda assim pode escolher o que priorizar. A saída desse estágio opressor seria, então, um ato de coragem: assumir plenamente a própria liberdade e a responsabilidade por suas escolhas.

Além disso, o estudo do pensamento sartriano junto ao de Rosa mostra-se de grande relevância para compreensão da relação entre mundo e sujeito, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre a constituição da subjetividade na contemporaneidade, com isso também atualizando o pensamento de Sartre ao promover o diálogo da sua filosofia existencialista com pensadores ativos da contemporaneidade. No presente trabalho buscou-se não apenas uma repetição dos conceitos sartrianos, mas a promoção

de um diálogo que possibilitasse alguma percepção e compreensão nova dos problemas contemporâneos, mostrando que Sartre permanece um autor fecundo nos dias de hoje.

Portanto, conclui-se que a constituição da subjetividade na contemporaneidade enfrenta grandes desafios, especialmente diante da aceleração social que fragmenta as experiências comprometendo a autenticidade do ser. Contudo, a consciência da própria liberdade e da busca por um ritmo de vida mais significativo permite ao resistir à alienação e afirmar-se como autor de sua própria vida. Reconhece-se que este estudo não esgota as possibilidades de análise acerca do tema, tornando de fundamental importância a continuidade das investigações, ampliando o diálogo entre filosofia e sociologia no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- GUEDES, Eduardo Rosa; STORCH, Laura Strelow. Sociologia da relação com o mundo: fundamentos críticos e fenomenológicos da obra de Hartmut rosa. **Século XXI–Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 77-101, 2024.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Edição digital.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Edição digital.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte 1. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005
- LEOPOLDO, Franklin et al. Conhecimento e identidade histórica em Sartre. **Trans/Form/Ação**, v. 26, n. 2, p. 43-64, 2003.
- LEOPOLDO, Franklin et al. Literatura e Experiência Histórica em Sartre: o engajamento. **DoisPontos**, v. 3, n. 2, 2006.
- LEOPOLDO, Franklin et al. Subjetividade e crítica em Sartre. **Sofia**, v. 4, n. 1, 2015
- ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. Tradução de Rafael H. Silveira; revisão técnica por João Lucas Tziminaidis. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ROSA, Hartmut. **Alienação e aceleração**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos).
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Apresentação e notas de Arlette Elkaïm-Sartre. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso).

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 15. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Editora DPeA, 2002.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.